



O Ideário Patrimonial О идеарио

Heranças Patrimoniais
enquanto Partilha de Saberes

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES NA CAPELA DA MATA FRESCA (ARACATI, CEARÁ, BRASIL): ARQUEOLOGIA, ARQUITETURA E HISTÓRIA

Thalison dos Santos

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN
Ministério da Cultura do Brasil/MinC
Rua Liberato Barroso, 525, Centro, 60030-160
Fortaleza, Ceará, Brasil
sthalison@yahoo.com

Cristiane de Andrade Buco

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN
Ministério da Cultura do Brasil/MinC
Rua Liberato Barroso, 525, Centro, 60030-160
Fortaleza, Ceará, Brasil
archeocris@icloud.com

Ramiro Teles Beserra

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN
Ministério da Cultura do Brasil/MinC
Rua Liberato Barroso, 525, Centro, 60030-160
Fortaleza, Ceará, Brasil
ramiroteles@gmail.com



Diálogos interdisciplinares na capela da Mata Fresca (Aracati, Ceará, Brasil): arqueologia, arquitetura e história

Thalison dos Santos

Cristiane Buco

Ramiro Teles Beserra

Historial do artigo:

Recebido a 04 de outubro de 2017

Revisto a 17 de outubro de 2017

Aceite a 31 de outubro de 2017

RESUMO

A capela de Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca é um templo católico construído na primeira metade do século XVIII, no distrito da Mata Fresca, município de Aracati. Sua edificação ocorreu antes de 1731, dado o fato concreto do registro de um batismo executado no interior dessa capela. Trata-se de uma edificação bastante pequena realizada com *beachrocks* trazidos da praia a cerca de 16 km de distância, os quais compõem a nave principal e as ruínas da fundação da antiga sacristia. A capelinha da Mata Fresca, como também é conhecida, apresenta influências maneiristas (séculos XVI e XVII), que chegaram ao Brasil através do *savoir-faire* dos primeiros colonos construtores, os quais se utilizaram de mão de obra indígena ou africana. A edificação foi objeto de restauro arquitetônico e de uma pesquisa arqueológica, conduzidos pela Superintendência do Iphan no Ceará através da aplicação de um Termo de Ajustamento de Conduta. Tais ações permitiram recuperar aspectos originais da arquitetura dos setecentos, assim como identificar as suas alterações ao longo do tempo. Também foram identificados enterramentos na nave principal (como esperado para templos desse período) e na sacristia (fato singular, não se conhecendo situações semelhantes em outras igrejas do Nordeste). Os restos humanos encontravam-se revolvidos e fragmentados, principalmente em virtude dos sucessivos enterramentos praticados de 1731 até cerca de 1860.

Palavras-chave: Mata Fresca; Capela de Nossa Senhora da Soledade; Arqueologia, Arquitetura; História.

ABSTRACT

The chapel of Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca is a Catholic temple constructed in the 18th century, in the district of Mata Fresca, municipality of Aracati-CE. This building was already erect in 1731 as it is shown in a birth certificate that took place in its interior. Its walls prepared



with beachrocks brought from the shore about 16 km away make up the main nave and the ruins of the sacristy. It is assumed that this little church displays Mannerist influences (16th and 17th centuries), arriving in Brazil in the savoir-faire of the first colonist builders that used, however, indigenous or African labor. Such chapel was subject of architectural restoration and archaeological research conducted by the Superintendence of IPHAN in the state of Ceará through the means a Conduct Adjustment Agreement. This action allowed recovering original features of the eighteenth architecture, as well as the identification of its changes through the time. In addition, human burials were found in the main nave (as expected of churches of this period) and in the sacristy (singular characteristic not found yet in the Northeast of Brazil). However, these human remains were found very fragmented due to the constant burials practiced between 1731 until 1860.

Key-words: Mata Fresca; Chapel of Nossa Senhora da Soledade; Archaeology; Architecture; History

1. Introdução

No ano de 2008, durante a instalação dos complexos de geração de energia eólica no município de Aracati, destruiu-se parte do patrimônio arqueológico que havia nas suas áreas de impacto direto. Ao constatar o referido dano, a Superintendência do IPHAN no Ceará, avançou um Termo de Ajustamento de Conduta (1) (TAC 001/2013) com a empresa responsável pelos empreendimentos, com o objetivo de corrigir e compensar a conduta danosa ao patrimônio cultural brasileiro, protegido pela Constituição Federal de 1988, Leis Federais e Decretos. No âmbito desse Termo de Ajustamento de Conduta, uma das medidas compensatórias, seguia as orientações da Carta de Veneza, e previa a realização do restauro arquitetônico de uma das edificações mais antigas do estado do Ceará: a Capela de Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca (ou Capela da Mata Fresca), templo setecentista com influências arquitetônicas tardo-maneiristas.

Tal medida compensatória apoiava-se ainda nas recomendações da Carta e de Lausanne, e estabelecia a realização de pesquisa arqueológica, com vistas a subsidiar as decisões projetuais do restauro, bem como agenciar os remanescentes construtivos ali existentes e em dispersão. Ambas as ações, foram coordenadas pela equipe de arqueologia e de arquitetura da Superintendência do IPHAN no Ceará, sob o objetivo comum de identificar e recompor traços e elementos da arquitetura original dos Setecentos, assim como a história religiosa e social do edifício, a partir da cultura material móvel e imóvel, que compõem a edificação e as suas adjacências.

2. Localização e Ambiente

A capelinha da Mata Fresca está localizada no distrito homônimo, no sertão do município de Aracati-CE, a cerca de 16 km da linha de praia, na planície aluvial do Córrego da Mata (vd. **Figura 1.**). Cortada por riachos intermitentes, em área sujeita à formação de brejos onde cresce a carnaúba (DUQUE, 1949: 19), palmeira típica do semiárido nordestino, que se desenvolve em planícies aluviais ou em zonas com lençol freático relativamente raso.



Figura 1. Vista geral da capela da Mata Fresca. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

O Córrego da Mata constitui um sistema hidrográfico independente, mas de caráter intermitente, com um pequeno estuário no litoral de Icapuí, no qual a atividade salineira vem sendo explorada desde o século XVII, quando era praticada por portugueses e holandeses, até os dias de hoje.

No que diz respeito à geologia, o domínio mais característico que aflora nos município de Aracati, no litoral leste do Ceará, é a Formação Barreiras, uma cobertura sedimentar terrígena continental e marinha (AIRAI, 2006) de idade miocênica a pleistocênica inferior (SUGUIO, NOGUEIRA, 1999; NUNES, SILVA, 2011), datada entre 23 milhões na parte mais profunda da estratigrafia (fim do Oligoceno e início do Mioceno) e 781 mil anos na parte mais rasa da sequência estratigráfica (Pleistoceno) (BRASIL, 2003).

A formação Barreiras repousa sobre o embasamento cristalino pré-cambriano (NUNES; SILVA, 2011) apresentando sedimentos areno-argilosos, arenitos cimentados por óxido de ferro e conglomerados que compõem os tabuleiros costeiros (BRASIL, 2003). Na faixa litorânea, é sobreposta pelos sedimentos quaternários, representados por campos de dunas de idade pleistocênica a holocênica. Esses sedimentos caracterizam-se como grãos de quartzo e argilas (com significativa contribuição marinha), conglomerados quartzosos e feldspáticos e assentam-se nos depósitos aluviais, planícies fluviais e fluviomarinhas do baixo curso do rio Jaguaribe, além dos seus tributários. Contudo, ocorrem também os depósitos eólicos litorâneos, formados pelas ações deflacionais dos ventos que erodem e acumulam sedimentos quaternários, compostos principalmente por grãos de quartzo, feldspatos, micas e minerais pesados, especialmente, nas areias da planície litorânea ou sobre os tabuleiros costeiros (BRASIL, 1973).

Na zona de estudo identificam-se as seguintes feições de relevo (PENHA, 2007): a planície litorânea, zona pós-praia, campos de dunas de variadas formas e gerações, planícies lacustres, planícies fluviolacustres, tabuleiros costeiros, falésias e chapada do Apodi (CEARÁ, 1997; SOUZA, 2000). No que diz respeito aos solos da zona da Mata Fresca, os mesmos podem ser classificados

como Planossolos Solódicos ou Neossolos Flúvicos, já que essas são as categorias de solos admitidas para planícies de inundação ou planícies fluviais (BRASIL, 1973; CEARÁ, 1997).

3. Breve Contextualização Etno-Histórica

A etno-história do município de Aracati coincide, em boa medida, com a do baixo curso do rio Jaguaribe, este grande marco paisagístico que serviu como uma zona de confluência para diversos grupos indígenas do litoral e do sertão (VIANA et. al., 2008: 35). O Jaguaribe, que forma um grande estuário rico em recursos marinhos explorados desde os períodos pré-coloniais, situava-se à meia rota entre as capitanias do Rio Grande e do Maranhão, na qual transitaram, por terra e por mar, tropas colonizadoras portuguesas, holandesas e francesas, assim como grupos indígenas (Tupi e não Tupi) que migravam a partir da Paraíba e do Rio Grande em consequência dos primeiros conflitos com os colonizadores (STUDART FILHO, 1926: 39).

Várias etnias habitavam ao longo dos principais rios e estuários dessa faixa do litoral cearense, contudo, não obstante os inúmeros testemunhos arqueológicos, as primeiras menções escritas à sua existência só ocorreriam após a chegada dos colonizadores nas proximidades do rio Jaguaribe, que vão citar alguns grupos com os quais tiveram contato ou sobre os quais tomaram conhecimento a partir de grupos contatados anteriormente. Inicialmente, essas descrições apoiavam-se em características linguísticas para definir os diferentes grupos, como aconteceu com os termos Tupi, referente a falantes da língua Tupi ou língua geral; e Tapuia, aplicado a todas as etnias não falantes da língua Tupi, as quais se encontravam dispersas por quase todo o território cearense (LUNA, 2010: 24).

Na porção do atual município de Aracati, Thebèrge (1973) cita dois grupos que seriam falantes da língua tupi, os Pitaguara e os Paiani, ao longo do vale do Jaguaribe. Entretanto, Studart Filho (1962) afirma que o tronco Tupi no Ceará seria representado por dois grupos; os Tabajaras, na Serra da Ibiapaba, e os Potiguaras (Petiguara, Pitiguara, Potiuara etc.) no extremo litoral leste, região de Aracati (LUNA, 2010: 28). Além dos Potiguaras, na região de estudo habitavam também grupos não tupi, como os Paiacu (Baiacu ou Pacaju), que transitavam todo o litoral e partes do vale do Jaguaribe; e os Aruá, que viviam entre os rios Jaguaribe e Itaim (STUDART FILHO, 1962: 26; LUNA, 2010: 28). Certamente, muitos dos povos indígenas que ocupavam a região do vale do Jaguaribe e o litoral leste devem ter transitado ou mesmo se estabelecido em diversos pontos ao longo dessa vasta área que envolve o município de Aracati.

Acerca do contato entre indígenas e europeus, destaca-se, sobretudo, a relação conflitante imposta pelos colonizadores, principalmente a partir da missão portuguesa na Capitania do Siará, em 1603, chefiada por Pero Coelho. Este que teria se estabelecido temporariamente nas margens do rio Jaguaribe, onde *“cativou muitos gentios”*, agindo com tamanha *“violência que indispôs os povos nativos contra a gente branca, a quem começaram logo a considerar como inimiga”* (OLIVEIRA, 1890: 118).

O contato violento, a tomada de território, a escravização dos indígenas e a extinção de etnias promoveu uma tensão que gerou o episódio conhecido como Guerra dos Bárbaros (OLIVEIRA, 2012: 55), uma reação indígena ao projeto colonizador português que interceptava, através das concessões de sesmarias, os territórios indígenas ao longo do vale do Jaguaribe, como o território dos grupos Paiacu ou Pacaju, próximo ao rio Açu, Serra do Apodi e o baixo Jaguaribe; dos Potiguara que também ocupavam o Baixo Jaguaribe e pontos ao longo da costa norte-riograndense e paraibana; os domínios Tarairiú às margens do rio Jaguaribe, além dos territórios dos grupos vizinhos, como os Genipaboçu e Kitariú, desde as margens da Barra do Jaguaribe até

o estuário do Curu; e as terras entre a Barra do Apodi ao Açú, onde residiam os Jandoin e Otxucayana (POMPEU SOBRINHO, 1967: 120).

4. Breve Contextualização Histórica do Ceará

O sertão nordestino, desde os primórdios da colonização brasileira até o final do século XVII, encontrava-se em segundo plano nas iniciativas de exploração territorial da coroa portuguesa, diferentemente do que se processava na zona da mata com sua florescente produção açucareira. Para essa porção de vastas e áridas terras estava reservado tudo aquilo contrário aos conceitos urbanístico, econômico e social portugueses. O desolado sertão, a “terra dos bárbaros”, como era descrita nos antigos mapas do século XVII (JUCÁ NETO, 2012: 111), abrigava a grande parte dos indígenas resistentes à lógica da colonização. Um lugar ermo, climatologicamente desfavorável aos grandes empreendimentos agrários monocultores, habitado pelos grupos considerados selvagens, os temidos tapuias.

À exceção de algumas poucas e pontuais tentativas exploratórias, apenas no último quartel do século XVII é que esse território começa a ser percorrido pelos primeiros vaqueiros provenientes do Piauí e do litoral açucareiro, que enriqueceriam aqueles primeiros sertanejos. O “sertanejo”, adaptando-se às adversidades do meio, multiplicou rebanhos de gado criados extensivamente e criou uma atividade econômica alternativa à cultura açucareira, a qual, incipiente a princípio, em pouco tempo adquiriria vigor e atrairia a atenção da metrópole portuguesa. Com o desbravamento das antigas veredas dos tapuias, criaram-se os primeiros caminhos que interligavam os grandes centros litorâneos ao imenso sertão, semeando pequenos povoados (JUCÁ NETO, 2012: 111).

Consolidada a atividade pecuária que já gerava expressivos dividendos no início do século XVIII, a Coroa Portuguesa busca a hegemonia territorial (em oposição à resistência indígena e aos ataques estrangeiros), através da instalação das primeiras vilas cearenses. Esses núcleos foram criados por Cartas-régias, as quais definiam os princípios normativos geradores do traçado urbano, segundo a tradição urbanística luso-brasileira, entre a regularidade e o orgânico. Este processo de urbanização, ainda que embrionário, evidencia uma questão significativa que justifica a fundação das vilas: o entendimento dessas localidades como pontos de convergência conectados entre si e aos grandes centros através de estradas coloniais, conferindo continuidade à expansão territorial portuguesa.

As vilas cearenses formaram-se em torno dos caminhos das boiadas que, por necessitarem de vastas áreas livres, eram expulsas das zonas canavieiras baiana e pernambucana. Esta “civilização do couro” (JUCÁ NETO, 2012: 137), com baixo investimento e tecnologia rudimentar, continuou, como força indutora para o povoamento do sertão, mesmo após o declínio da produção de açucareira.

Os caminhos das boiadas seguiam-se de Pernambuco pelo litoral em direção às capitânicas do norte, o “sertão de fora”; como também pelos vales dos rios baianos, em direção ao “sertão de dentro” (ABREU, 1988: 136). No Ceará, as principais rotas foram a “Estrada Velha, a Estrada Geral do Jaguaribe, a Estrada Nova das Boiadas, a Estrada das Boiadas, a Estrada Camocim-Ibiapaba, a Estrada Crato-Oeiras e a Estrada Crato-Piancó” (JUCÁ NETO, 2012: 143).

A Estrada Velha, que conectava o Pernambuco ao Maranhão pelo litoral, e a Estrada Geral do Jaguaribe, a partir da Vila de Santa Cruz do Aracati, seguindo o Rio Jaguaribe até chegar ao Pernambuco e à Bahia, constroem o contexto espacial para a implementação de um dos subprodutos comerciais mais importantes da pecuária: as charqueadas, indústria sertaneja que

se valeu do “*sal farto e do clima favorável litorâneo*” (FREITAS FILHO, 2003). Nesse contexto, a antiga vila de Aracati, em 1750, desponta como o principal núcleo urbano cearense. Com suas salinas nas planícies litorâneas e a rentabilidade econômica das oficinas de charque, surgiram, os primeiros latifundiários, como o português Antônio de Souza Machado, que, ávido por mais “*terras onde pudesse estender seu patrimônio criatório*” (FREITAS FILHO, 2003), estabelece-se no Vale da Mata Fresca.

4.1. Topônimos e Sesmarias da Área de Estudo

Acerca da zona da Mata Fresca, os documentos relativos à concessão de datas de sesmaria, mencionam alguns topônimos, como *Hug-beranduba*, palavra indígena que designava o atual Córrego da Mata, em cuja planície de inundação construiu-se a Capela de Nossa da Soledade. Outro topônimo identificado em documentos datados entre 1700 e 1702, *Mouxoró*, referia-se, muito provavelmente, ao mesmo local (FREITAS FILHO, 2014: 19).

Atualmente, trabalha-se com a hipótese de que a colonização do atual distrito da Mata Fresca tenha se efetivado entre os anos de 1712 e 1783, através do estabelecimento de capitães-mores e militares das milícias. Contudo, na documentação histórica o topônimo “Matta Fresca” aparece pela primeira vez em 1731, no livro de batizados da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário das Russas – Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte (2). Noutros registros, como os das datas de sesmaria, observam-se os termos “*caminho da Matta Fresca*”, “*córrego da Matta Fresca*” e, posteriormente, Mata Fresca (FREITAS FILHO, 2014).

Solicitante/Proprietário	Topônimo/Local	Ano
Capitão Bento Pessoa Faria	Caminho da Matta Fresca	1732
Caetano Pereira Martins	Córrego da Matta Fresca	1744
Sargento-mor Geronimo de Castro de Oliveira	Córrego da Matta Fresca	Sem data
Sargento-mor Antônio Souza Machado	Entradas de Mata Fresca e Cajuais	1783
Sargento-mor Antônio Souza Machado, Domingos Fernandes de Souza e Félix Antônio de Souza	Data de sesmaria do Riacho Grande do Juazeiro até o Vale da Mata Fresca até o sítio Santa Luzia em Mossoró.	1788
José Vicente Ferreira de Freitas	Uma sorte com braças incertans no Corrego Manguinho na Matta Fresca	1850
Joaquim Vicente Ferreira de Freitas	Uma sorte de terra de meia legoa de fundo para o mar no logar Matta Fresca	1850
Zacharias de Souza Machado	Uma parte de terra na Matta Fresca da pancada do mar com os fundos de 1 légoa para o centro.	1850
José Vicente Ferreira de Freitas Junior	Uma sorte de terra no sítio Matta Fresca com braças incertas para o poente	1850

José Antônio d'Olanda	Uma parte de terra de uma legoa de fundo no sitio Matta Fresca	1850
Felix de Souza Nogueira	Uma sorte de terras na data do Córrego da Matta Fresca	1850
Antônio da Silva Castro	Duas sortes de terra nas praias do logar Canto Forte, compreendendo Curral Grande e Matta Fresca	1850
Reverendo Antônio Francisco Sampaio	Meia legoa de terras no Córrego da Matta Fresca	1850
Padre Claudio Pereira de Farias	Oito centas braças de terra no sitio Matta Fresca	1850
Reverendo Antônio Francisco Sampaio	Huma penhora de terras da Matta Fresca	1850

Tabela 1. Relação das solicitações de datas de sesmarias na região da Mata Fresca. **Adaptado de:** Brandão, 1902 e Freitas Filho, 2014.

4.2. E no Sertão havia uma Capela

A construção da Capela da Mata Fresca é comumente atribuída a Antônio Souza Machado, fundador da cidade de Mossoró (BRANDÃO, 1902), que, ao estabelecer seus empreendimentos pastoris, teria, conseqüentemente, difundido a fé católica, erguendo com ajuda de seu genro, Manoel José Rodrigues Braga, uma pequena Capela, em terras ainda não visitadas por missionários (BRANDÃO, 1902; FREITAS FILHO, 2003). Contudo, os dados extraídos de alguns documentos que o citam e daqueles relativos à Capela de Nossa Senhora da Soledade evidenciam certa incoerência cronológica.

De fato, tem-se pouca documentação acerca da vida de Antônio Souza Machado antes da sua chegada ao Ceará. Sabe-se, contudo, que teria nascido em Braga (Portugal) em 1718 e se mudado para o Brasil ainda “moço”, estabelecendo-se na Vila de Russas (CE), onde contraiu matrimônio (FONSECA, 1999; FREITAS FILHO, 2014). Mais tarde, em 1797, viria a falecer na localidade Grossos, Mossoró (RN), onde vivia desde 1760 (BORGES, 1904; FREITAS FILHO, 2014: 22).

Por volta de 1766, tornar-se-ia sargento-mor das “*Entradas dos distritos da Mata Fresca e Cajuais*” e entre 1768 e 1769, teria se tornado charqueador e juiz ordinário da Vila de Santa Cruz do Aracati, momento em que ampliara substancialmente as suas posses e riquezas (FREITAS FILHO, 2003, 2014: 22). Contudo, a solicitação de datas de sesmarias em seu nome, que se estendiam da zona da Mata Fresca (região do atual Riacho Grande) até a Fazenda Santa Luzia, em Mossoró, aparece nos registros de 1788 (BORGES, 1904).

Esses dados cronológicos quando comparados com aquele oriundo do registro de um batismo (fonte primária), ocorrido na capela da Mata Fresca em 1731 e identificado durante a pesquisa, sugerem que Antônio Souza Machado, teria, à época deste evento, 13 anos de idade, considerando-se a data do seu suposto nascimento em 1718.

Esse novo dado confere subsídios para contestar a hipótese de Souza Machado como fundador da capela da Mata Fresca, devido à clara discrepância entre fontes históricas primárias e secundárias, assim como a ausência de mais informações sobre essa personagem. Contudo, considerando que a sua chegada à região de Aracati e a posse de terras na Mata Fresca tenham

ocorrido posteriormente à construção da capelinha de pedras, não se descarta a possibilidade de tê-la utilizado como *orago* particular e como templo religioso para os agregados.

5. A Capela da Mata Fresca: Tempo e Memória

A Mata Fresca ainda nos dá ideia de como seria sua ambiência há mais de dois séculos, quando integrava a incipiente rede de povoados ao longo das penosas estradas coloniais que cruzavam os largos domínios dos sesmeiros. Esses latifúndios congregavam em suas divisas grande parte da esparsa população da capitania do Ceará, os chamados agregados, que viviam servilmente sob a proteção dos grandes proprietários. Fazendas eram unidades autônomas, em torno das quais orbitava todo o *modus vivendi* dos colonos, do nascimento à morte, no qual a religião era um forte componente da dimensão político-administrativa da colônia.

As capelas existentes na Capitania do Ceará em 1730 eram, em sua maioria, anexas às fazendas, e vinham sendo construídas já por volta de 1697, intensificando-se a partir de 1708. Inicialmente, a preocupação dos povoadores resumia-se à aquisição de terras, contudo, a construção de templos vinha a reboque das exigências dos Visitadores Diocesanos, que lhes ofereciam os cultos (IPHAN, 2014: 22), disseminando a Igreja como estratégia de manutenção e propagação das práticas cristãs, congregando pessoas e potencializando a eficiência das práticas de doutrinação e controle ideológico.

Apesar da sua datação bastante recuada, os relatos orais relativos que se teve acesso cobrem apenas os meados do século XIX, quando o templo teria sido reencontrado por caçadores locais sob “ramagens e mato” (IPHAN, 2014: 6). A partir de então ocorreram sucessivas reformas, como as de 1888, de 1940 e de 1970. Contudo, a de 1940 provocou maiores modificações no edifício, consistindo na ampliação de sua nave (recuando-se o altar-mor) e na realização de um transepto. Tais acréscimos se arruinaram em virtude das sucessivas enchentes do córrego, vindo a ruir no inverno de 1970 (IPHAN, 2014: 25-26).

A reforma de 1940 é a única que foi minimamente documentada, ainda que apenas textualmente, em pequeno excerto lavrado no Livro de Tombo da Paróquia de Areias (3). Conforme mencionado, a intervenção consistiu na ampliação da pequena ermida, outrora cúbica, transformando-a em capela paroquial, com a criação de um transepto e uma capela-mor com novo altar – esse que viria a se arruinar três décadas mais tarde, achando-se, quando da obra de restauro, degradado e fisicamente apartado da capela, ainda que se mantivesse como local de reverência popular (vd. **Figura 2.**).



Figura 2. Igreja e ruínas do antigo altar externo. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

Pode-se inferir que o arruinamento das ampliações da capela se deveram a fundações pouco sólidas e/ou à ineficiente solução do telhado, especificamente no transepto, com seu cruzamento de vários planos de águas, calhas e rincões. No entanto, o arcabouço setecentista original, em alvenaria de pedra resistiu e foi novamente reaproveitado como espaço de culto, retomando volumetria praticamente igual àquela com que fora concebido há quase 300 anos (excetuando-se a “velha sacristia”, demolida em 1947: nave única, longilínea, coberta por telhado cerâmico em duas águas guarnecido frontalmente por empena triangular.

Tal partido arquitetônico remonta às primitivas ermidas brasileiras, cujo processo construtivo, normalmente gradual, iniciava-se por um pequeno oratório – embrião de capela-mor – associado a um ambiente de apoio – a sacristia –, aos quais, posteriormente, anexar-se-ia o volume da nave. Note-se que esse sistema evolutivo nunca ocorreu na Mata Fresca, seja por falta de recursos econômicos, ou por ausência de população que o justificasse. Quedou a capela como concebida no século XVIII (perdendo-se, do arranjo original, a sacristia): *tempietto* em alvenaria de pedra arenítica oriunda das praias circunvizinhas, guardando, em seu traço, reminiscências maneiristas, com frontão triangular ladeado por coruchéus piramidais e entablamento linear rígido.

Ressalta-se ainda a existência de um refinado conjunto de lancis de pedra, lavrados em cantaria, técnica construtiva rara, principalmente, para uma região distante dos grandes centros em tempos tão recuados. Parte desses lancis foram entaipados, provavelmente na reforma de 1888, e estavam ocultos sob o reboco e caiações sucessivas, sendo redescobertos através das prospecções arquitetônicas executadas durante o processo de restauro.

No documento que versa sobre a reforma de 1947 extraíram-se informações que subsidiaram decisões fulcrais no projeto de restauro, especialmente no que se refere à incorporação dos remanescentes do altar de 1940 (embora não reintegrados espacialmente à capela) e à exposição das fundações da antiga ruína, que se encontravam enterradas. Assim, a intervenção prezou pelo respeito aos diversos momentos construtivos do edifício, articulando-os em uma espacialidade de leitura razoavelmente clara.

A capela de Mata Fresca não é tombada pelo IPHAN ou por qualquer outro ente federativo. Contudo, foi apontada pela população como uma edificação de grande relevância para sua memória coletiva. No concernente ao seu estilo, o mesmo se assemelha a outros exemplares de capelas rurais construídas entre os séculos XVII e XVIII, seja pela sua volumetria simples, com elementos decorativos e modulação, ou mesmo, pelos materiais e técnicas utilizados em sua arquitetura.

Dentre os exemplares similares citam-se aquela da Fazenda Borda do Campo, em Antônio Carlos (MG), e a capela de Nossa Senhora da Cabeça (RJ), ambas tombadas pelo IPHAN; a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem em Niterói (RJ); a igreja Santana em Ilhéus (BA); a capela de Nossa Senhora da Ajuda em Cachoeira (BA); a capela de Nossa Senhora da Escada (BA); além da capela de São Bento da Buraquinha em Barcelos, Portugal.

6. O Edifício como Narrativa: Arquitetura e Arqueologia

O edifício como narrativa é uma abordagem interdisciplinar que relaciona conhecimentos próprios da arqueologia e da arquitetura, sobretudo nos trabalhos de restauração, buscando o conhecimento da sociedade através das relações entre os diversos elementos culturais e os contextos nos quais se inserem os monumentos. Tal abordagem articula ainda um amplo tecido de estudo do espaço, desde o aspecto urbano às sociedades criadoras de materialidade,

perpassando os limites temporais e históricos, de modo a envolver os grupos que ainda utilizam esses monumentos na atualidade (SANTOS, 2009: 219).

No cerne da investigação da materialidade construída, enfatiza-se a edificação como artefato que fornece informações práticas ao trabalho dos restauradores (SANTOS, 2009: 219). Parte-se do pressuposto de que os espaços arquitetônicos utilizados ao longo de séculos são espaços completamente dinâmicos, pois são significados por sociedades essencialmente dinâmicas. Assim, o resultado final da intervenção deve mostrar-se coerente com a memória coletiva do espaço-tempo, sendo, neste sentido, uma construção visual e material interdisciplinar. Dessa forma, as decisões projetuais podem ser tomadas levando-se em consideração as dinâmicas e processos sociais multitemporais do ambiente em estudo e da arquitetura.

De forma pragmática, os investigadores dos espaços construídos, tanto o arqueólogo como arquitetos e historiadores, coletam dados de acordo com os diversos métodos dos quais dispõem, compartilhando-os e analisando-os em conjunto. Inicialmente, os dados são provenientes de fontes primárias e secundárias, como documentos cadastrais (projeto original, plantas, registros etc.) e históricos (mapas, leis, manuscritos, imagens fotográficas e pictóricas, notícias, registros orais etc.). Mas, na análise do edifício em si, um quantitativo de informações prévias relativas às técnicas construtivas e materiais utilizados, aparentes *in situ* ou acessíveis, podem ser compartilhadas, discutindo necessidades e expectativas (SANTOS, 2009: 224).

Devem-se observar, ainda, as recomendações da Carta de Lausanne, principalmente, no tocante à necessidade de envolvimento dos vários setores responsáveis da sociedade nas ações de preservação, assim como o público em geral, que deve estar informado para que haja a possibilidade de uma conservação integrada do patrimônio (ICOMOS, 1990). Pode-se, com isso, compreender as edificações como obras que adquiriram, com o tempo, significação cultural e que, nesse sentido, são também considerados monumentos históricos.

A perspectiva do edifício como narrativa aplica-se, sobretudo, às edificações com evidente valor histórico e arquitetônico, como edificações muito antigas, dos primórdios da colonização, sobre as quais não se dispõe de registros históricos que deem conta de toda a sua existência. Nessas situações, a arqueologia mostra-se eficaz para a recuperação histórica, suprimindo a ausência de dados bibliográficos e promovendo o diálogo com os poucos documentos escritos (NAJJAR, 2005: 45).

A aplicação dessa perspectiva na Capela da Mata Fresca foi essencial para investigar aspectos da história do local e as relações sociais havidas nas adjacências do edifício, através da cultura material dos que utilizaram aquele espaço. As escavações arqueológicas possibilitaram uma narrativa sobre a forma como a edificação foi realizada, e, concatenadas com as prospecções arquitetônicas ou verticais, permitiram revelar diferentes materiais compositivos do edifício, estruturas arruinadas, aparentemente inexistentes, elementos encobertos por materiais sobrepostos durante algumas reformas, dentre outras características construtivas.

Com a participação do público, normalmente, registram-se os anseios coletivos, harmonizando-os com as relações socioafetivas do espaço pesquisado. No caso da Mata Fresca, os subsídios da participação popular contribuíram para as soluções referentes à não destruição do cruzeiro mais recente e à reincorporação, através de um telhado cerâmico, da ruína do altar externo (o de 1947), que se encontrava desconectado do volume da capela, criando-se uma área abrigada para os fiéis que ainda prestam culto no local (vd. **Figura 3.**).



Figura 3. Incorporação do antigo altar externo ao volume principal da capela. **Fonte:** Arquivo IPHAN-CE.

6.1. As Prospecções Arquitetônicas e Aplicações no Restauro

Paralelamente às escavações arqueológicas, as prospecções arquitetônicas aconteceram em segmentos verticais e horizontais nas áreas internas e externas do edifício. Na parte interna, fizeram-se em linha contínua, na altura da cimalha, tendo como objetivo a identificação de pontos de apoio do antigo madeiramento do telhado composto por tesouritas de linha alta, conforme relatos de antigos moradores. Com isso, descobriu-se a inclinação inicial da cobertura, o ponto de cumeeira, os quais foram refeitos com reaproveitamento da madeira antiga. Na face interna da empena do frontão, as prospecções tentaram identificar possíveis envasaduras, tais como óculos ou janelas de coro, uma vez que o espaço interno do templo era assaz escuro, induzindo a hipótese de que existiriam outras aberturas além da porta central. Contudo, nenhum vestígio de óculo ou janelas foi encontrado.

O coro em madeira foi avaliado através de prospecções cromáticas, que revelaram ter sido pintado em tempos recentes com tinta a óleo industrial. Optou-se por remover a pintura quimicamente, deixando a madeira de cumaru à mostra. O vigamento executado com troncos de carnaúba foi mantido e as madeiras do piso de tabuado receberam tratamento em verniz marítimo fosco.

Na parede oposta à fachada principal, as prospecções revelaram, entaipado por tijolos, o arco-cruzeiro que interligava a antiga nave à capela-mor edificada nos anos de 1940. Optou-se por deixar exposta a alvenaria de tijolos que obstrui o arco em sua face posterior. Argamassa com conchas foi identificada em alguns pontos prospectados da alvenaria, sugerindo a retirada de material malacológico das praias próximas para a produção de cal.

O arranjo dos nichos para as imagens de devoção, orquestrado pelos moradores quando da demolição do altar original dos setecentos, foram mantidos do mesmo modo que se apresentavam, encerrando santos de membros articulados, com cabelos humanos e que recebem anualmente roupas novas feitas por costureiras locais.

Por intermédio das prospecções, o reboco antigo em pasta de cal foi identificado abaixo de duas camadas de reboco novo à base de cimento. Procedeu-se, então, à remoção dos rebocos cimentícios expondo-se o revestimento original que teve suas lacunas regularizadas, sendo novamente caiado na cor branca. Os coruchéus que haviam sido cobertos pela platibanda, a cimalha do frontão e a *espadaña* tiveram seus contornos originais recuperados. Na porção posterior do complexo, onde foi criada a nova cobertura para o altar externo, optou-se por cair a nova empena que foi executada para amparar o frágil retábulo em ruínas, mantendo a sua pátina original, de forma a ressaltá-lo visualmente enquanto obra antiga.

Quando a obra já se encaminhava para sua finalização, concretizando as especulações preliminares acerca da possível existência de outras aberturas para o exterior, uma prospecção revelou dois arcos de descarga em tijolos, os quais induziram imediatamente à descoberta das ombreiras e lintéis de duas janelas baixas talhadas em blocos de arenito, as quais foram recuperadas e agora cumprem sua função de iluminar e ventilar o espaço interno do edifício (**vd. Figura 4.**).

A descoberta das janelas induziu a uma associação imediata à Capela de Nossa Senhora da Cabeça, no Rio de Janeiro, tombada pelo IPHAN, cuja tipologia apresenta as seguintes características: fachada simples arrematada por frontão triangular e precedida por copiar; porta central com folhas almofadadas e ombreiras em cantaria, encimada por placa e ladeada por janelas gradeadas; telhado em duas águas coberto por telhas canal; copiar, com cobertura igual, sustentado por duas colunas toscanas criando um elevado nível formal e implantação em primoroso adro, dando ao conjunto, rara proporção, principalmente por se tratar de uma construção do século XVII (ALVIM, 1996: 192) (**vd. Figura 5.**).

Tal similaridade tipológica fomenta a hipótese de que a capela cearense outrora dispunha de copiar frontal, contudo, não houve recursos suficientes para ampliar as escavações no sentido de investigar essa conjectura. Em todo o caso, a probabilidade de existência de alpendre original não deve ser descartada, já que este é um elemento recorrente em igrejas com a mesma solução de janelas baixas de cantaria, sobretudo, em capelas rurais do século XVII, cuja função era a de abrigar peregrinos durante as festas religiosas (CEZAR, 2004: 30).

Outros exemplares de capelas alpendradas são identificados na zona rural do Piauí, principalmente na faixa litorânea. Acerca da sua função, Silva Filho (2007: 92), sugere que os mesmos seriam utilizados por serviçais e catecúmenos; ou seja, embora os templos fossem comuns a brancos, pretos, vaqueiros e escravos, haveria segregação de espaços para patrões e agregados. Qualquer que fosse o real propósito dos alpendres, é fato que a sua presença na capela de Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca, reforçaria ainda mais o ineditismo da solução construtiva, em se tratando do território cearense.



Figura 4. Fachada e volumetria da capela após a reforma. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.



Figura 5. Capela Nossa Senhora da Cabeça – Rio de Janeiro. Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capela nossa senhora cabeça vista frontal.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capela_nossa_senhora_cabeça_vista_frontal.jpg); [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capela nossa senhora cabeça vista diagonal.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capela_nossa_senhora_cabeça_vista_diagonal.jpg).

6.2. A Pesquisa Arqueológica de Campo

A pesquisa arqueológica na Capela da Mata Fresca desenvolveu-se a partir de três objetivos principais: 1) realizar escavação arqueológica na área da capela com o intuito de evidenciar eventuais artefatos arqueológicos e estruturas arquitetônicas; 2) subsidiar as obras de restauro arquitetônico; 3) e compreender como se deu o seu processo de construção e as mudanças ocorridas no edifício ao longo do tempo. Assim, o restauro compatibilizado com pesquisa arqueológica incorporaria os elementos descobertos e originais dos monumentos, valorizando-os de acordo com o seu contexto histórico e importância social.

As metodologias da pesquisa prévias ao restauro dos monumentos são, em sua maioria, determinadas pelo tipo de bem que se deseja restaurar e pelas hipóteses de intervenção previamente elaboradas. Nesse sentido, devem ser consideradas as especificidades dos sítios no trato das estratégias metodológicas, as quais devem ser ainda flexíveis, pois, mesmo com um design de pesquisa bem definido em momento anterior à ida ao campo, os métodos e as decisões do trabalho de campo poderão ser repensados de acordo com as descobertas que venham à tona. O mesmo ocorre com o projeto de restauro arquitetônico, que pode sofrer adequações ao longo desses estudos.

No caso da pesquisa da Mata Fresca, a metodologia foi pensada para um contexto religioso católico em utilização desde o século XVIII, incorporando as possibilidades arquitetônicas para a descoberta de estruturas antigas como pisos, alicerces e soleiras. Além disso, trabalhou-se com a hipótese de evidenciação de esqueletos humanos, já que o sepultamento em igrejas e capelas foi uma prática bastante comum no Ceará até as intervenções da medicina sanitária em meados do século XIX. Como possibilidades arquitetônicas, trabalhou-se com a hipótese de que haveria um piso antigo e soleiras sob o atual pavimento da capela e outras alterações internas e externas que, ordenadas cronologicamente, revelariam outra configuração do edifício.

A Capela da Mata Fresca, atualmente, resume-se apenas à nave principal, com cerca 10 metros de comprimento por 6 metros de largura. E, na sua área externa apresenta-se uma estrutura de pedra remanescente da antiga sacristia. Desta forma, para verificar as possibilidades arquitetônicas e arqueológicas, pensou-se em uma escavação de superfície ampla, distribuída entre os espaços internos e externos, objetivando-se reconhecimento de diferentes tipos de vestígios que sugerissem usos diferenciados desses espaços numa mesma sociedade (vd. **Figura 6.**).

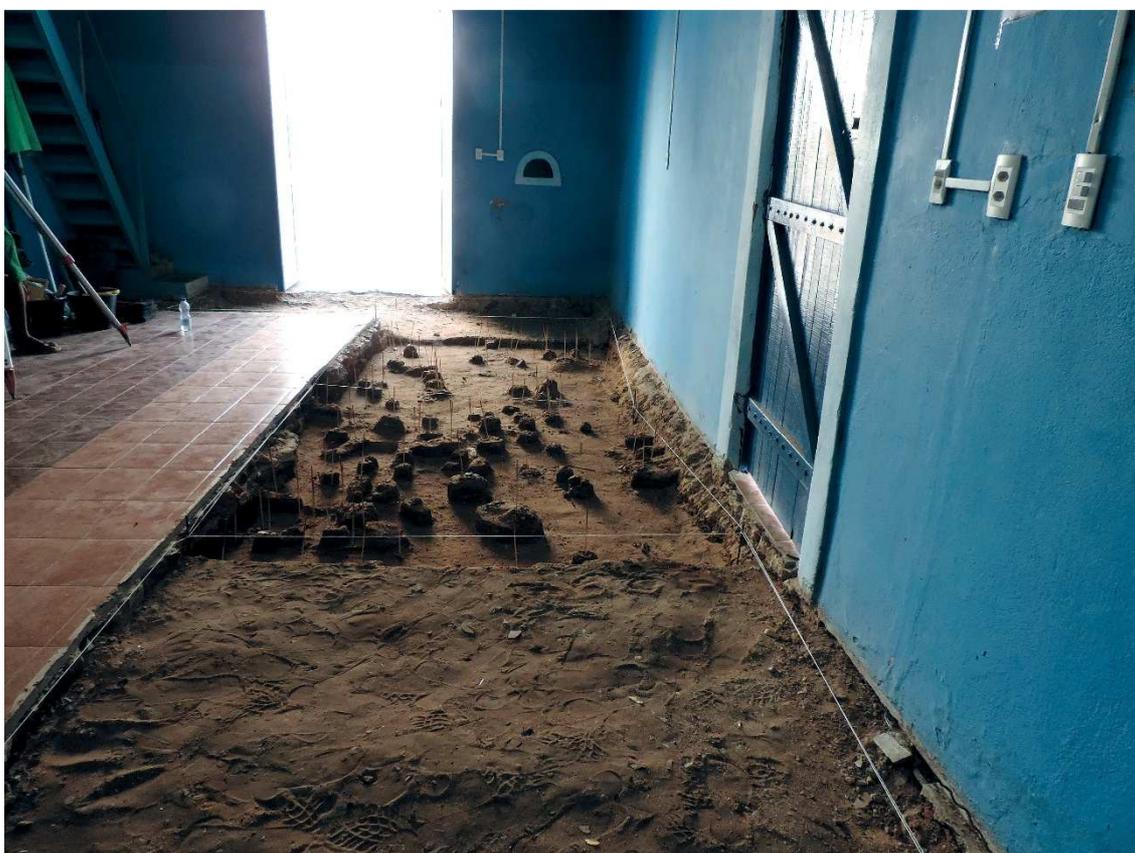


Figura 6. Vista da escavação arqueológica na parte interna. **Fonte:** Arquivo IPHAN-CE.

Como forma de controle de escavação, optou-se pela utilização de um sistema de quadrículas (HARRIS, 1991: 223) envolvendo o edifício como um todo e as suas adjacências, interceptando uma área de aproximadamente 100 m², na qual cada subunidade do quadriculado definia uma área de 4m², denominadas a partir de um eixo numérico e outro alfabético.

Além do sistema de quadrículas, trabalhou-se com a topografia como uma forma de registrar o desmonte do sítio. Inicialmente, realizou-se um levantamento topográfico para registrar a situação atual da capela antes de empreender as modificações de pesquisa. Nesse levantamento foi localizada a área escolhida para escavação com 37 quadrículas, sendo que 23 foram escavadas de acordo com finalidades específicas que envolviam a verificação do potencial do subsolo, conhecimento da estratigrafia e a confirmação de hipóteses prévias, relacionadas ao que seriam as áreas construídas da capela (vd. **Figura 7.**).



Figura 7. Vista da escavação arqueológica na parte externa. **Fonte:** Arquivo IPHAN-CE.

A sistemática de rebaixamento dos sedimentos deu-se por níveis arbitrários de 10 cm de espessura, utilizando material de escavação mais pesado nos locais onde houve a necessidade de remoção de pavimentos e estruturas recentes, ou para retirar entulho composto por material construtivo do século XX, o que ocorreu principalmente nas quadrículas do alinhamento N e O (área externa nos fundos da capela) e nas quadrículas da parte interna. Já o material mais leve, como colher de pedreiro e pincel, se restringiu às quadrículas da escavação interna à estrutura 1, remanescente da antiga sacristia, e da nave principal, onde havia suspeitas de existência de esqueletos humanos devido à grande quantidade de macrofragmentos de ossos verificados durante a remoção do piso e limpeza de superfície.

Ao final de cada nível, fichas de controle estratigráfico também foram preenchidas, descrevendo características básicas como o tipo de sedimento e os principais vestígios encontrados na escavação, sendo complementadas por desenhos (feitos por triangulação) nos níveis que apresentaram vestígios mais íntegros ou alguma estrutura.

6.2.1. Resultados das escavações

Do início ao fim da estratigrafia, identificaram-se muitos fragmentos de ossos ao longo das quadrículas distribuídas na sacristia e na nave principal da capela. Também apareceram vários pregos e cravos, e muitos dentes de leite e definitivos, a partir dos quais se percebeu, em campo, uma mistura de indivíduos adultos e subadultos. Os pregos maiores que foram encontrados entre os níveis I e V correspondem a dois tipos: pregos de madeiramento de telhado ou piso e pregos menores que provavelmente compunham os esquifes dos enterramentos.

Outros vestígios apareceram em pouca quantidade, como dois fragmentos cerâmicos e de louças, um botão e uma moeda do II Império, além de alguns artefatos líticos identificados nas camadas mais profundas, os quais indicariam um momento anterior à existência da capela. No que diz respeito às estruturas, evidenciaram-se, ao final do nível I, da quadrícula I4, um batente que correspondia à base da pia de batismo, e, no mesmo nível da quadrícula H4, uma soleira de pedra que formava o batente na entrada principal da capela.

Nos níveis IV e VII, nas quadrículas J4, K2, K3 e L3, foram identificados três indivíduos (dois deles no nível IV e um no nível VII). Tal constatação baseou-se no aparecimento de partes de três crânios que permitiram definir três indivíduos. O crânio do indivíduo 3, identificado no nível IV da quadrícula J4, na parte interna da capela, foi encontrado sem o esqueleto pós-cranial e junto com vários fragmentos de ossos que não permitiram o reconhecimento visual preliminar das suas unidades ósseas. Já o crânio do indivíduo 1, começou a ser evidenciado ainda no nível III da quadrícula K2, sendo totalmente evidenciado ao final do nível IV. O mesmo estava associado ao seu esqueleto pós-cranial, apresentando, inclusive, alguns ossos em conexão anatômica. Devido às dimensões dos ossos e à presença de dentes de leite próximos à mandíbula, foi possível diagnosticá-lo como um indivíduo subadulto (vd. Figuras 8. e 9.).



Figura 8. Vista do esqueleto 1. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

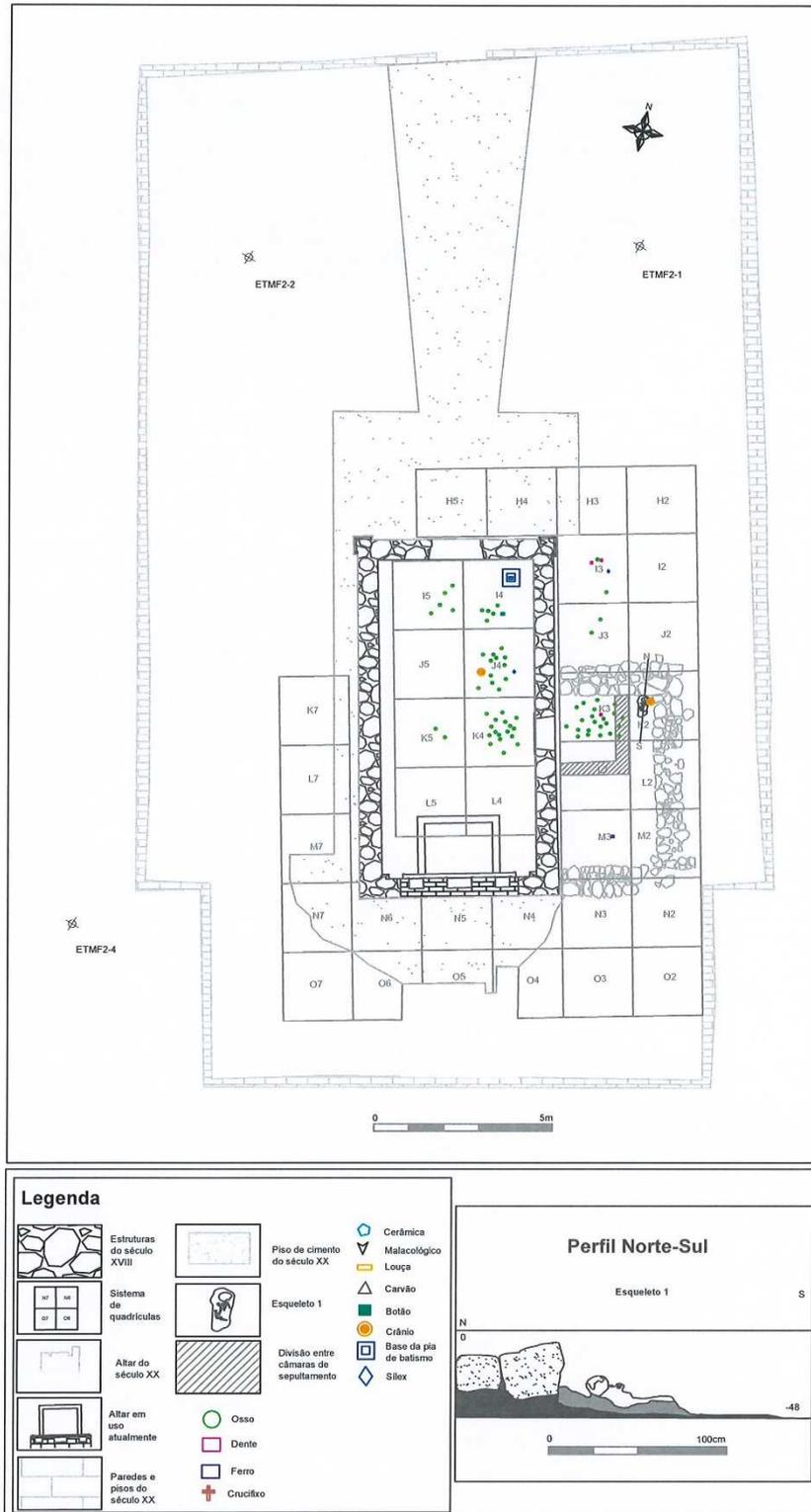


Figura 9. Planta do nível IV com localização dos esqueletos 1 e 3. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

Durante a sua evidenciação, alguns ossos fragmentaram-se por causa do péssimo estado de conservação, o que exigiu que alguns deles fossem retirados envoltos a grandes blocos de sedimento areno-argiloso para mantê-los íntegros. O indivíduo 1 foi depositado sobre o dorso e orientado no sentido norte-sul. Os ossos das mãos encontravam-se sobre o esterno e sua cabeça

estava levemente inclinada para o seu lado esquerdo. Processos tafonômicos, provavelmente, foram os responsáveis pelo deslocamento da mandíbula da sua articulação, já que a mesma encontrava-se sobre as clavículas, assim como por alterações da sua posição original de deposição como a inclinação da cabeça e da bacia, cujas laterais esquerdas encontravam-se mais altas que as laterais direitas; além de uma relativa abertura das pernas que, apesar da ausência de alguns ossos dos membros inferiores, como os ossos dos pés, fez-se perceptível na altura do fêmur esquerdo.

A localização do indivíduo 1, na quadrícula K2, foi um tanto surpreendente, dado o fato da mesma estar na área da antiga sacristia da capela, o que implicou o surgimento de algumas questões relativas ao enterramento nas sacristias, se seria uma prática funerária comum à época. Conforme se sabe, os enterramentos em capelas e igrejas foram praticados no Ceará até 1860, quando então, a província do Siará, influenciada pelas questões da medicina sanitária, por meio da Resolução nº 964 de 18 de setembro de 1860, proibiu a prática (SILVA, 2013: 50) e determinou a construção dos cemitérios públicos em áreas arejadas e distantes dos aglomerados urbanos. Entretanto, até a proibição, os enterramentos nas igrejas predominavam como comportamento funerário da sociedade católica, inclusive fazendo parte do plano de salvação.

Acredita-se que a localização das sepulturas no interior das igrejas representava um traço muito importante do plano de salvação de cada indivíduo e de suas famílias, uma vez que a proximidade entre as sepulturas e o altar significava uma maior proximidade entre a alma do morto e a divindade através do santo da sua devoção (RASCKE, 2014: 129). Essa preocupação com a salvação teria impulsionado a divisão do espaço dos enterramentos de acordo com as classes sociais. Se isso ocorreu na capela da Mata Fresca, a localização do indivíduo 1 na sacristia poderia implicar a sua classe social?

Inicialmente, achou-se que o enterramento do indivíduo 1 na sacristia representasse um caso isolado, entretanto, durante a escavação do nível VI na quadrícula K3, ao lado da quadrícula K2, uma calvária de um indivíduo adulto foi evidenciada. Ao final do nível VII, revelou-se o crânio por completo do indivíduo 2 e parte de um fêmur que se prolongava até a quadrícula L3. Durante o rebaixamento do nível VII na quadrícula L3, outros ossos longos e fragmentados foram evidenciados, sendo considerados como unidades do esqueleto do indivíduo 2, em face à semelhança de tonalidade do sedimento em seu entorno.

Ao que tudo indica, esse indivíduo foi depositado sobre o dorso, no sentido norte-sul. Nenhum dos ossos que fariam a conexão entre a cabeça e as pernas foi encontrado, embora existissem fragmentos de difícil reconhecimento distribuídos ao longo dessa área.

Ainda na escavação do nível III, entre as quadrículas K2 e K3, percebeu-se uma diferença de tonalidade e de consistência do solo, formando uma faixa de sedimento argiloso com largura de aproximadamente 30 cm, dividindo duas áreas, ambas com sedimento mais friável, nas quais se encontrava uma grande quantidade de fragmentos ósseos. Ao final da escavação do nível IV e após a evidenciação do indivíduo 1 na quadrícula K2, chegou-se à conclusão que essa faixa de sedimento argiloso correspondia a uma divisória entre câmaras de sepultamento, apesar da mesma não ter sido identificada nas outras quadrículas da sacristia, como a M2 e M3, devido à mistura de sedimentos causada por fatores antrópicos. Tal hipótese ganhou mais força após a total evidenciação da câmara, na qual se encontrava o indivíduo 2, no nível VII, disposto entre as quadrículas K3 e L3 (vd. **Figuras 10.** e **11**). Deve-se mencionar que essa câmara de sepultamento se encontrava na sacristia da capela, o que revela que a prática do enterramento na sacristia não foi um caso esporádico. Esse novo dado indica que o enterramento na sacristia ocorreu de forma sistemática e duradoura na Capela da Mata Fresca, já que os indivíduos

enterrados parecem revelar uma lógica de planejamento do espaço tanto horizontal quanto verticalmente.

A grande quantidade de pequenos fragmentos de ossos identificados desde o nível I até o nível VII levou à formulação de duas hipóteses, às quais deveriam ser verificadas ao longo da escavação. A primeira hipótese argumentava a possibilidade de os enterramentos terem sido fragmentados e descontextualizados devido às reformas ocorridas na capela, a de 1885, a de 1941 e a de 1960. Já a segunda hipótese afirmava que a fragmentação dos ossos resultaria da constante movimentação de terras no interior da capela, desde 1730, até pelo menos, 1860, devido à escavação de sepulturas nos mesmos espaços, somados a fatores naturais, como o PH dos solos e o intemperismo químico nas constantes inundações do Córrego da Mata.

Ao longo da escavação foram-se reunindo elementos para verificação de ambas as hipóteses, como a mistura dos estratos em alguns pontos, desde 90 cm até a superfície, e a presença de alguns ossos incompletos que testemunham a existência de degradação diferencial, sendo essa, mais intensa em algumas partes dos esqueletos e em outras não. Tais evidências mostraram-se mais convergentes com a segunda hipótese, embora não se descarte a possibilidade das sucessivas reformas terem contribuído para a fragmentação dos ossos nos estratos mais rasos, já que não se percebeu nenhuma evidência de rebaixamento do piso.



Figura 10. Esqueleto 2. **Fonte:** Arquivo IPHAN-CE.

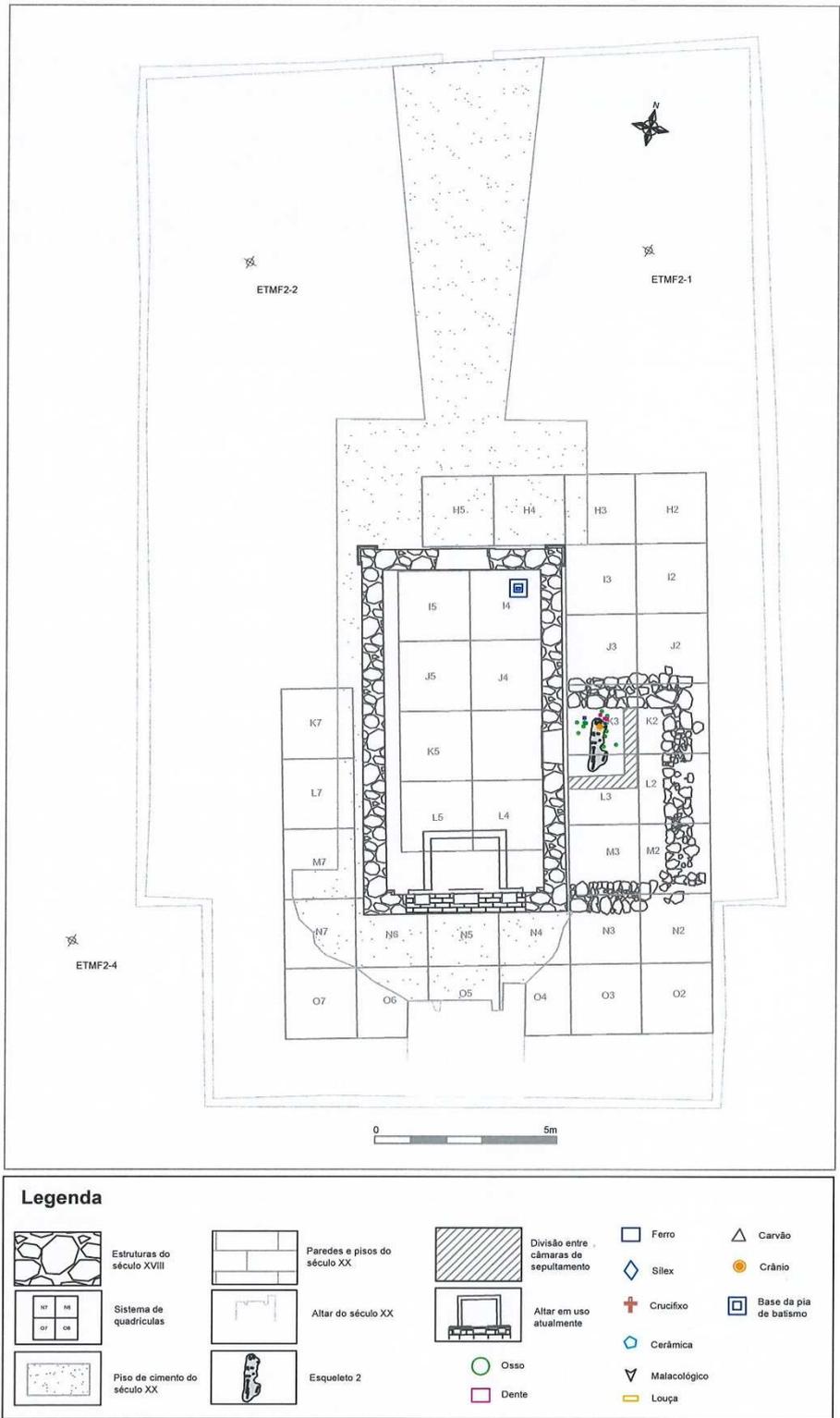


Figura 11. Planta do nível VII com localização do esqueleto 2. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

A estratigrafia arqueológica da Capela da Mata Fresca é bastante simples, apresentando apenas 2 camadas, uma delas composta por cascalho com muitos fragmentos malacológicos utilizados

na fabricação de cal e dos *beachrocks* trazidos da praia para a construção da capela no século XVIII. O cascalho foi utilizado para calçar a estrutura de pedra que sustentava as paredes.

A Camada 1 apresentou sedimento areno-argiloso de granulometria fina à média e coloração bege clara à marrom. Acredita-se que a constante movimentação de terras entre 1731 e 1860, para os enterramentos humanos, tenha alterado os estratos naturais do sítio, misturando sedimentos de camadas distintas, assim como restos de ossos e outros vestígios dos indivíduos já sepultados, resultando na total mistura de materiais e temporalidades.

Ressalta-se que a capela da Mata Fresca sofreu pelo menos três reformas conforme se observa na sua fachada e nos relatos orais: uma ocorrida em 1885, outra em 1941 e outra após a década de 1960. Acredita-se que em 1731 a capela já estaria edificada com capela-mor – ou nave - e a sacristia na sua lateral esquerda. Assim permanecera até a reforma da década de 1940, quando houve a supressão da sacristia e a ampliação do transepto. Contudo, a beira-seveira e os silhares em cantaria das janelas frontais teriam sido suprimidos na reforma de 1885, ocasião em que também foi incorporada a platibanda. Entre 1947 e 1960, o altar primitivo teria sido deslocado, formando um presbitério mais ao sul, através da abertura de um arco na parede original em pedra. Com a construção das naves nas laterais – o transepto - teria ocorrido, ainda, a mudança da geometria do telhado, com o seu rebaixamento e a abertura do ângulo do emadeiramento. Estes elementos identificados durante a pesquisa permitiram elaborar um esquema cronológico do prédio, através de quatro momentos que vão desde 1731 a 2013 (vd. Figuras 12., 13., 14., 15., 16.).



Figura 12. Vista geral da capela da Mata Fresca pós restauro e pesquisa arqueológica. **Fonte:** Arquivo IPHAN-CE.

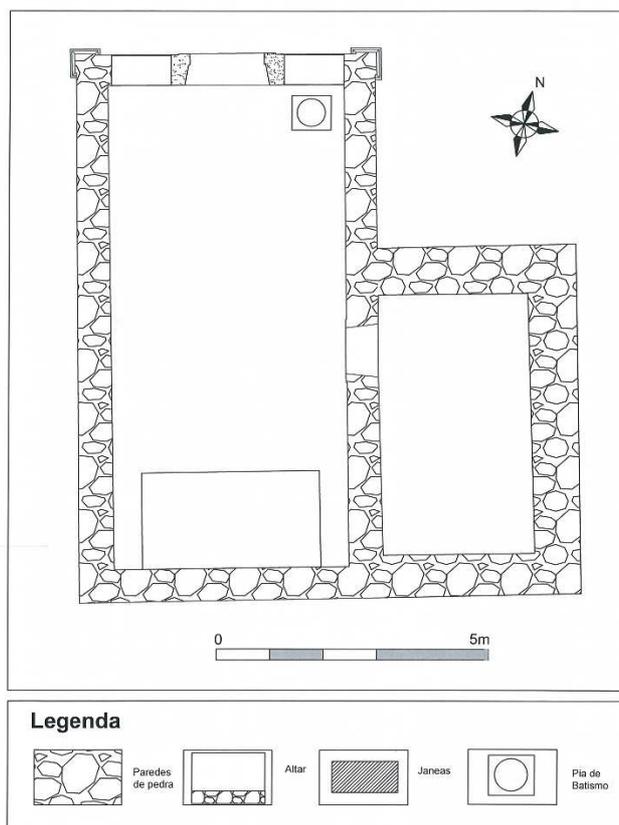


Figura 13. Esquema cronológico da capela da Mata Fresca: estrutura em 1731. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

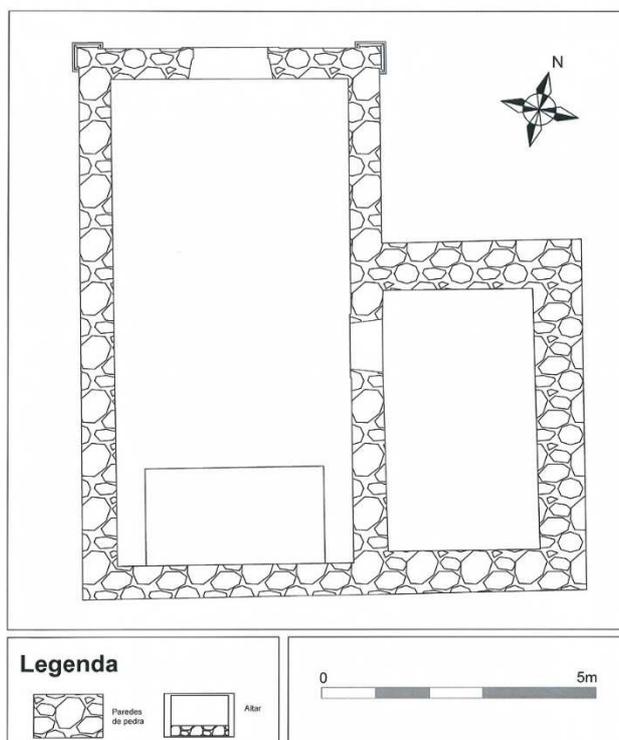


Figura 14. Esquema cronológico da capela da Mata Fresca: estrutura em 1880. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

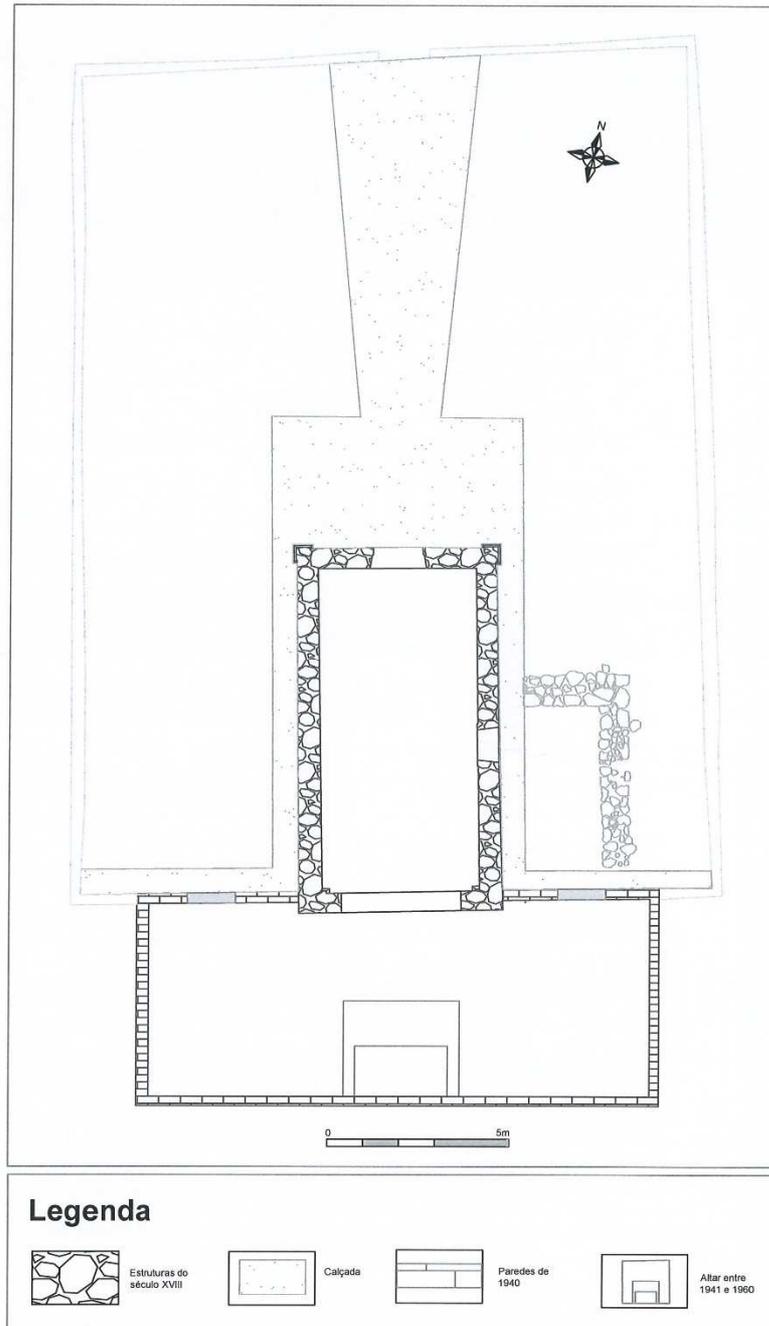


Figura 15. Esquema cronológico da capela da Mata Fresca: estrutura em 1940. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

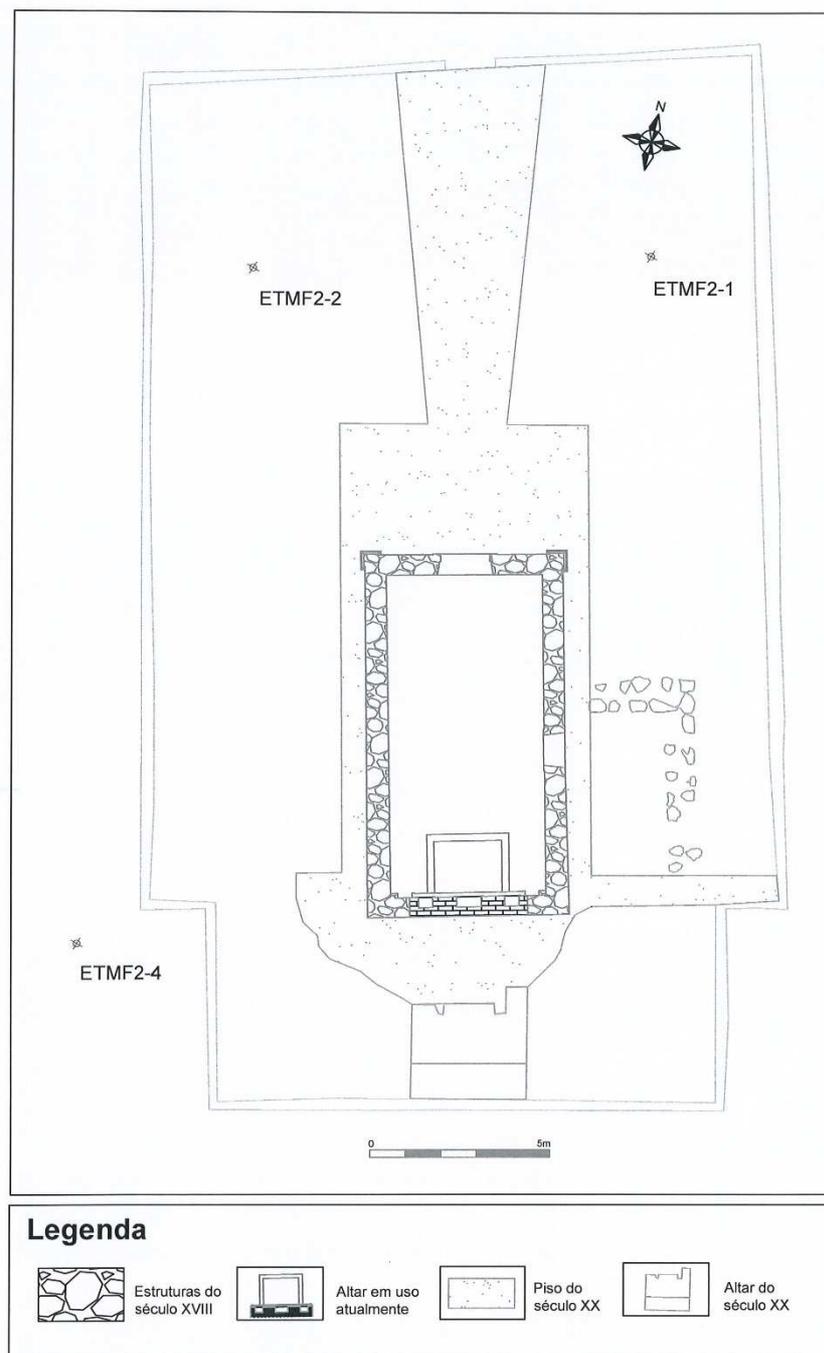


Figura 16. Esquema cronológico da capela da Mata Fresca: estrutura em 2013. Fonte: Arquivo IPHAN-CE.

6.2.2. Análise Paleoantropológica Preliminar

O material osteológico identificado durante a pesquisa na Capela da Mata Fresca corresponde a cerca de 90% dos vestígios coletados no sítio, representando um total de 4.264 fragmentos de ossos e dentes. Essa amostra osteológica foi analisada preliminarmente pela técnica Rebeca Andrade (2014), conforme solicitação da Superintendência do IPHAN no Ceará, tendo como objetivo, identificar, quantificar, tipificar, caracterizar indivíduos e reconhecer os processos tafonômicos e antrópicos, aos quais os indivíduos foram submetidos antes, durante e após a sua

morte. Contudo, o péssimo estado de conservação da amostra não permitiu que o objetivo fosse alcançado na sua totalidade.

O nível de degradação da amostra abarca cerca de 80% da mesma, limitando, em muitos casos, o sucesso na obtenção de informações básicas, como a identificação das unidades ósseas, a qual só ocorreu em 30% dos fragmentos, a partir dos quais se extraíram dados osteológicos.

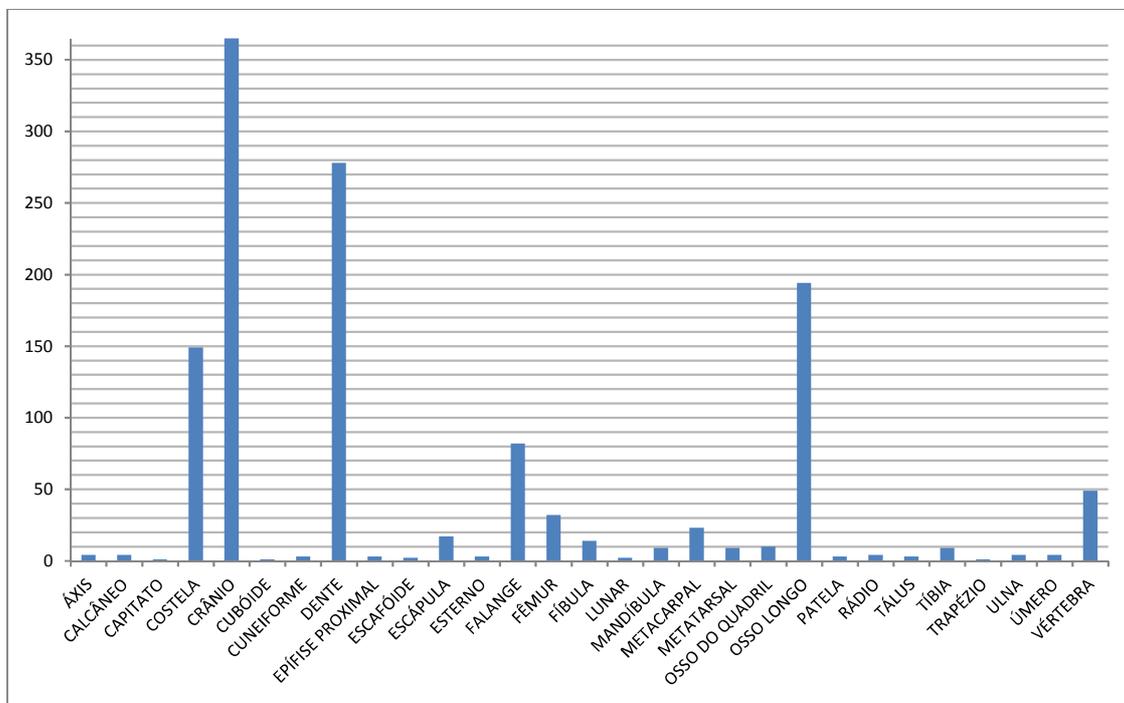


Gráfico 1. Identificação das unidades ósseas da amostra osteológica analisada. Adaptado de: Andrade, 2014.

No início das análises procedeu-se à identificação dos ossos mais íntegros quanto à sua origem, de modo a se certificar se a amostra era composta totalmente por ossos humanos ou se poderia, por acaso, reunir algum osso não humano, o que se fazia pouco provável. Para tanto, utilizaram-se os manuais clássicos de anatomia óssea comparada e consideraram-se os critérios de maturidade óssea, morfologias e tipos de ossos (DUPRAS et. al., 2006; ANDRADE, 2014: 56) e, conforme esperado, essa análise não resultou na identificação de nenhum osso não humano compondo a amostra osteológica estudada.

Após a identificação da origem óssea da amostra, procedeu-se à quantificação dos indivíduos através do cálculo mínimo de indivíduos (NMI). Nessa fase da análise, considerou-se como um elemento identificador dos indivíduos, a presença dos ossos ímpares, como crânios, mandíbulas, axis, atlas, sacros (BROTHWELL, 1981; ANDRADE, 2014: 57); a contagem das unidades ósseas dividida pela frequência anatômica (MAYS, 2002) e os seus respectivos segmentos (ADAMS, BIRD, 2008; ANDRADE, 2014: 57). Durante a escavação do sítio, foi possível identificar um número mínimo de 3 indivíduos com base na presença de crânios; após análise em laboratório, identificaram-se mais cinco indivíduos (excetuando-se os indivíduos 1, 2 e 3 já conhecidos na escavação) no conjunto ósseo, totalizando um mínimo de 8 indivíduos.

Algumas unidades ósseas, provavelmente correspondem aos mesmos indivíduos, como, por exemplo, o parietal e o occipital encontrado na quadrícula J4, na parte interna da capela, que se conectam anatomicamente, sendo ambos associados ao indivíduo 3, assim como o crânio e a mandíbula do indivíduo 1, subadulto, encontrado na quadrícula L2 na sacristia.

Unidade óssea	Lateralidade		Total	NMI
	Direita	Esquerda		
Crânio	3	2	5	3
Escápula	3	3	6	3
Fêmur	8	4	12	8
Fíbula		1	1	1
Mandíbula	2	2	4	2
Osso do Quadril		1	1	1
Patela		1	1	1
Rádio		1	1	1
Tálus	1	1	2	1
Ulna	1	2	3	2
Úmero		1	1	1

Tabela 2. Relação das unidades ósseas por lateralidade e quantificação de indivíduos. **Adaptado de:** Andrade, 2014.

Para a diagnose sexual, só foi possível analisar o crânio do indivíduo 3 da quadrícula J4, setor nave, com base no seguinte critério: os indivíduos masculinos apresentam marcas de inserções musculares mais proeminentes devido à musculatura da nuca, concentradas, principalmente, no occipital (UBELAKER, 1984; ANDRADE, 2014: 65). Essas características foram observadas no neurocrânio do indivíduo 3, que apresenta uma crista nugal muito proeminente e uma conexão occipital/parietal compondo uma abobada bem robusta. Com base nessas características sugere-se que o indivíduo 3 é do sexo masculino (ANDRADE, 2014: 65). Quanto à idade dos indivíduos à época de sua morte, só foi possível identificar as unidades ósseas quanto à fase da vida subadulta com base no grau de ossificação óssea (ANDRADE, 2014: 49), correspondendo à maior parte da amostra.

7. Considerações Finais

A pesquisa na capela da Mata Fresca foi de extrema importância para revelar as alterações arquitetônicas nas camadas arqueológicas que serviram de subsídios às ações de restauração. Além disso, permitiu identificar um aspecto cultural importante no tocante à arqueologia da morte em períodos históricos: o enterramento nas sacristias, impulsionado, talvez, pelo pouco espaço que havia na nave principal da capela. Além disso, foi possível revelar aspectos históricos sobre a sua construção e o seu funcionamento, contrastando com hipóteses já bastante difundidas na literatura histórica, como, por exemplo, a hipótese que afirma que Souza Machado

teria sido o responsável pela construção da Capela da Mata Fresca, quando, na verdade, a mesma já se encontrava ereta antes da sua chegada àquela zona.

A escavação arqueológica resultou, ainda, na identificação de três indivíduos, sendo dois deles, localizados na sacristia e um na nave da capela, além de muitos fragmentos de ossos e dentes, cujas análises osteológicas preliminares revelaram mais cinco indivíduos.

Por fim, ressalta-se a importância da abordagem interdisciplinar que permitiu, através dos conhecimentos próprios da arqueologia, história e arquitetura, recompor parte da história da Capela da Mata Fresca e dos grupos que a utilizaram desde os tempos antigos.

NOTAS

(1) Os Termos de Ajustamento de Conduta são instrumentos aplicados pelo Iphan a entes particulares ou públicos em casos de constatação de danos ao patrimônio cultural, provocados pela implantação de empreendimentos. Os termos visam trazer compensação à sociedade, especificamente no âmbito da cultura, e, portanto, suas medidas incluem a pesquisa, a promoção e/ou a recuperação de bens de valor patrimonial.

(2) **Transcrição:** *“Aos oito dias de mes de Agosto de mil sete centos e trinta e hû: em a Capela de Nossa Senhora da Solidade da Mata Fresca da Freguezia da Russas [grifo nosso], de licença minha o cura abaixo assignado, batizou o Padre Antônio Martins Pimentel a Joana filha legítima de Amaro Rodrigues Barros, e de Tereza de JESUS, forão padrinhos Domingas Fernandes e o Capitão-mor Gonçalo de Castro, de que fiz este assento” (Livro nº 1 de Batizados da Freguezia de Nossa Senhora do Rosário das Russas - Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte)*

(3) **Transcrição:** *“As novas obras da igreja de Mata-Fresca, justificando-se compulsoriamente o seu aumento, tiveram início no dia dez de novembro de 1947 com a demolição da chamada “sacristia”, compartimento edificado à esquerda da dite igreja e feito totalmente de pedras, que, quebradas, foram postas nos alicerces da nova construção em forma de cruz, para oferecer aos fiéis católicos recintos arejados, ao assistirem aos atos religiosos. No dia 11 de novembro, eu, abaixo assinado, o pedreiro mestre Raimundo Mariano, o pedreiro Júlio Rodrigues Rebouças e do ajudante servente Antônio de Freitas, aos primeiros minutos da manhã, rumámos demandos de Mata-Fresca, onde, sem mais demoras metemos lombos à obra, esquadrinhando-se o terreno para a elevação das novas paredes, cavação das fundações e prosseguindo-se na demolição das paredes da velha sacristia. E assim ficaram inaugurados os serviços, regressando eu no dia 12 de Novembro pela manhã depois de uma visita às caieiras e recomendações atinentes às obras” (Padre Marcondes, Livro de Tombo da Paróquia de Areias).*

BIBLIOGRAFIA

ABREU, J. C. D. - **Capítulos de história colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ADAMS, B. J.; BYRD, J. E. - **Recovery, analysis, and identification of commingled human remains**. USA: Humana Press, 2008.

AIRAI, M. A. - Grande elevação eustática do mioceno e sua influência na origem do Grupo Barreiras. **Geologia USP - Série Científica**. Vol. 6, nº. 2, 2006, p. 1-6.



ALVIM, S. P. D. F. - **Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro**: revestimentos, retábulos e talha. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

ANDRADE, R. - Análise dos ossos da Capela da Mata Fresca. In IPHAN-CE **Escavação e restauro arquitetônico na Capela da Mata Fresca, Aracati, CE**. Fortaleza: Processo administrativo IPHAN-CE nº 01496.000928/2014-36, 2014, p. 450.

BORGES, F. A. - Limites entre o Ceará e Rio Grande do Norte: razões finais - Egregio Tribunal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará**, 1904, p. 139-186.

BRANDÃO, M. N. - **Memória justificativa do parecer do juiz árbitro na questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte**, [S.l.], 1902.

BRASIL - **Mapa Geológico do Estado do Ceará**. Fortaleza, 2003.

BRASIL - Levantamento exploratório de reconhecimento de solos do Ceará. **Boletim Técnico nº 28 - Série Pedologia**, 1973.

BROTHWELL, D. R. - **Digging Up Bones**. New York: Cornell University Press, 1981.

CEARÁ - **Mapa Municipal de Aracati**. Fortaleza, 1997.

CEZAR, P. B. - **Capela Nossa Senhora da Cabeça**: Pequena joia do patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SETUR/Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2004.

DUPRAS, T. L. et al. - **Forensic Recovery of Human Remains**: archaeological approaches. USA: CRC Press, 2006.

DUQUE, J. G. - **Solo e água no Polígono das Secas**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1949, p. 273.

SILVA FILHO, O. P. D. - **Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2007.

FONSECA, J. A. D. - Verbete: Antônio de Souza Machado. In GUEDES, J.; ROSAS, T. **Personalidades Históricas do Rio Grande do Norte (Séc. XVII a XIX)**. Natal: Fundação José Augusto - Centro de Estudos e Pesquisa Juvenal Lamartine-CEPEJUL, 1999, p. 79.

FREITAS FILHO, M. D. - **A aldeia do areal**: história e memória de Ibicuitaba, Icapuí, Ceará. Fortaleza: Editora BNB, 2003.

FREITAS FILHO, M. D. - Relatório etnohistórico: o Vale da Mata Fresca. In IPHAN-CE **Escavação e restauro arquitetônico da Capela da Mata Fresca, Aracati, CE**. Fortaleza: Processo administrativo IPHAN-CE nº 01496.000928/2014-36, 2014, p. 450.

HARRIS, E. C. - **Princípios de estratigrafia arqueológica**. Barcelona: Editora Crítica, 2ª edição, 1991, 226 p.

ICOMOS - **Carta de Veneza** - II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Veneza: ICOMOS/Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 1964, p. 1-4.

ICOMOS - **Carta de Lausanne** - Assembléia geral de Lausanne para a proteção e gestão do patrimônio arqueológico. Lausanne: ICOMOS/Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 1990, p. 1-7.

IPHAN - **Escavação e restauro arquitetônico da Capela da Mata Fresca, Aracati, CE.** Fortaleza: Processo administrativo IPHAN-CE nº 01496.000928/2014-36, 2014, p. 450.

JUCÁ NETO, C. R. - **Primórdios da urbanização no Ceará.** Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012.

LUNA, D. - **Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'Água do Pau (Mauriti, Ceará).** Recife: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Pernambuco, 2010. 115 p.

MAYS, S. - **The Archaeology of Human Bones.** New York: Routledge, 2002.

NAJJAR, R. - **Construtores de igrejas: um estudo arqueológico da presença da Companhia de Jesus no litoral brasileiro.** São Paulo: Tese de doutorado - Universidade de São Paulo/USP, 2005.

NOGUEIRA, F. N. A.; RIGOTTO, R. M.; TEIXEIRA, A. C. D. A. - O agronegócio do camarão: processo de trabalho e riscos à saúde dos trabalhadores no município de Aracati/Ceará. **Revista Brasileira Saúde Ocupacional**, 34, 2009, p. 40-50.

NUNES, F. C.; SILVA, E. F. D. - Grupo Barreiras: características, gênese e evidências de neotectonismo. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento EMBRAPA**, 2011, p. 31.

OLIVEIRA, A. L. D. - **Praia de Ponta Grossa: vestígios arqueológicos da ocupação humana.** Fortaleza: Gráfica LCR, 2012.

OLIVEIRA, J. B. P. D. - Um capítulo da história do Ceará: a conquista dos indígenas. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1890, p. 118-154.

PENHA, H. M. - Processos endógenos na formação do relevo. In GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. D. **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 51-81.

POMPEU SOBRINHO, T. - Introdução, notas e comentários à Relação do Maranhão. In: OFICIAL, D. D. I. **Três documentos do Ceará Colonial.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 1967.

RASCKE, K. L. - Um Funeral "Digno": Celebrações da morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888-1925). **Afro-Ásia** 50, 2014, p. 129-169.

SANTOS, N. F. - Arqueologia Histórica e Arquitetura: o patrimônio das cidades. In FUNARI, P. P. A.; CERQUEIRA, F. V.; NOBRE, C. K. - **Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio em Perspectivas Multidisciplinar: Contribuições da Arqueologia, História, Literatura, Arquitetura e Urbanismo.** Pelotas: UFPEL, 2009, p. 213-226.

SILVA, J. S. S. E. - **Novas territorialidades para o turismo em Fortaleza (CE): as potencialidades do cemitério São João batista visto como um espaço sagrado.** Rio Claro: Tese de doutorado - Universidade Estadual Paulista/UNESP, 2013.

SOUZA, J. M. - Bases naturais e esboço do zoneamento geoambiental do Estado do Ceará. In LIMA, L. C. **Compartimentação territorial e gestão regional do Ceará.** Fortaleza: FUNECE, 2000, p. 6-98.

STUDART FILHO, C. - As Tribus indígenas do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, XL, 1926, p. 39-54.

STUDART FILHO, C. - Os aborígenes do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, LXXVI, 1962, p. 05-75.

SUGUIO, K.; NOGUEIRA, A. C. R. - Revisão crítica dos conhecimentos geológicos sobre a Formação (ou grupo?) Barreiras do Neógeno e o seu possível significado como testemunho de alguns eventos geológicos mundiais. **Geociências**, 18, 1999, p. 461-479.

THEBERGE, P. - **Esboço histórico sobre a província do Ceará**. Fortaleza: Secretaria de cultura, desporto e promoção social, 1973.

UBELAKER, D. H. - **Human Skeletal Remains: excavation, analysis, interpretation**. Washington: Taraxacum, 1984.

VIANA, V. et al. - **Prospecção e Resgate Esgotamento Sanitário no município de Aracati**. Fortaleza, 2008, p. 177-202.

DOCUMENTO ELETRÓNICO

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Em linha]. 2013. [Consult. 20 Set. 2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://ibge.gov.br>>.



